

Pequena, porém decente. E combativa. Balço da bancada parlamentar petista

NOVEMBRO DE 1985 — Nº 14

ÓRGÃO DA COMISSÃO
EXECUTIVA NACIONAL DO
PARTIDO DOS TRABALHADORES

Cr\$ 1.000,00

“A difamação contra parlamentares que se ausentam do plenário atinge principalmente os mais combativos e mais comprometidos com os movimentos populares.”

(Luiz Dulci e Irma Passoni, sobre a atuação parlamentar, na pág. 4).

PT BOLETIM NACIONAL

CHEIRO DE MORTES NA NOVA REPÚBLICA

A violência no campo. O assassinato crescente de trabalhadores rurais. A omissão da Nova República. (Um painel nas págs. 2 e 3).

A Nova República do sr. José Sarney precisa averiguar urgentemente as mortes de trabalhadores rurais em diferentes pontos do país. Somente no mês de outubro, doze camponeses foram assassinados por pistoleiros a soldo de latifundiários. A morte persegue lideranças sindicais e dirigentes do Partido dos Trabalhadores. O cheiro dessas mortes persegue a Nova República. Luiz Soares Vilanova, presidente estadual do PT no Maranhão, está “mar-

cado prá morrer”. Padres e militantes dos movimentos de base, também. A escalada de violência e morte prossegue e não há perspectivas de que venha a diminuir.

Desde que começou a se falar em plano de Reforma Agrária, os conflitos aumentam, mas, apesar do grande número de ocupações pelos sem-terra, a correlação de forças é inteiramente desfavorável aos trabalhadores rurais: os fazendeiros se armam e os pistoleiros implantam o terror. A Nova República se omite.

No início do mês de outubro,

cinco lavradores foram mortos na Fazenda Paraíso, em Marabá; no dia 3, dois posseiros tombaram no Maranhão; em Munai-Mandiocal (MG), outro é emboscado e morto, o mesmo ocorrendo em São Pedro, no “Bico do Papagaio”. Dia 23 de outubro: é assassinado, com cinco tiros, em Carmo do Rio Verde (GO), Nativo Natividade de Oliveira, presidente do STR, secretário estadual da CUT e militante do PT. Dia 27: Raimundo Valério Ribeiro e seu filho Francisco José Félix Ribeiro são mortos por quatro pistoleiros em Caiçarinha, distrito de Quixadá, no Ceará.

A ESTRELA SOBE

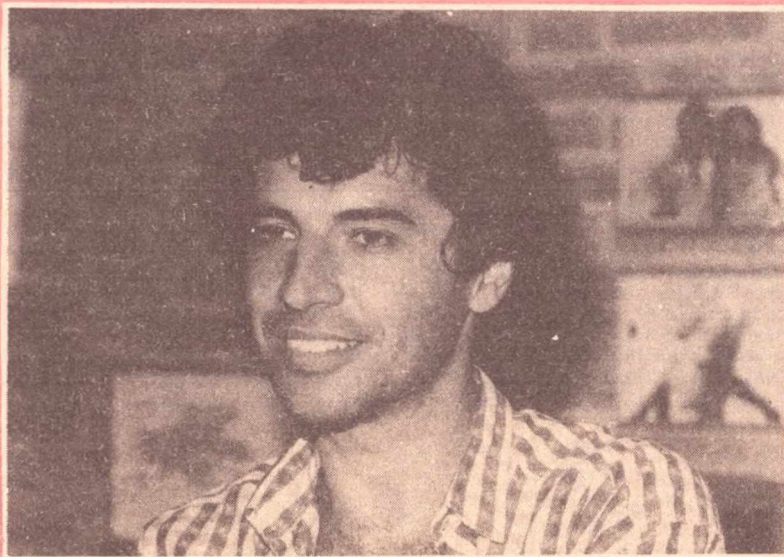
As últimas pesquisas de opinião pública demonstram a consolidação do PT como único partido de oposição de alcance nacional, como a única opção de voto útil do brasileiro assalariado perante as duas faces do poder — o PMDB, que traiu suas promessas de Reforma Agrária, de ruptura com o FMI e de uma Constituinte soberana, e o PFL, partido dos banqueiros.

O PT é hoje o terceiro partido de preferência eleitoral em cinco capitais e o segundo colocado em mais uma, Goiânia. Em três outras capitais o PT aparece com galhardia com o quarto partido. Em São Paulo, o voto do PT é de todos o mais “cristalizado”, segundo os conceitos das pesquisas, ou seja, o mais firme

Paulo Betti Porque PT?

Política é um jogo e o PT é o único que joga aberto. Quando todos foram ao colégio eleitoral porque era preciso derrotar o Maluf, nós elegemos um presidente que não era bem o que a gente queria e acabamos ficando com o vice que está aí agora, Sarney, representante do poder que durante vinte anos nos dominou. E agora a gente têm esse Plano de Reforma Agrária que tá aí, essa prostituinte que tá aí. Esse é o resultado do voto útil”.

Daniel Augusto FIA



Por que PT? Veja a resposta integral de Paulo Betti nas págs. 6/7. E mais, as respostas de Lélia Abramo, Antônio Fagundes, Gonzaguinha, Odilon Wagner, Marcos Frota, Marcos Calói e Ionas Block.

PT
**BOCA
DE URNA**

6/7

Francisco Simeão Rodrigues Neto, secretário da Indústria e Comércio do Paraná, está sendo acusado de muita coisa ruim no interior do Maranhão, onde se apropriou fraudulentamente de aproximadamente 60 mil hectares de terra. Em Buriticupu, Açailândia, Arame, Imperatriz, ele é chamado de "Chico Rico". É cunhado do médico Armando César Saraiva Casemiro, que mandou emboscar e matar trabalhadores rurais em terras da Fazenda Capoeira.

Antônio Alves de Macedo Filho ("Bigode"), 38 anos, casado, é líder dos posseiros de Capoeira. Escondido, longe de todos, Bigode é um "cabra marcado pra morrer" porque desafiou Chico Rico. Toda a história dos posseiros da Capoeira está contada aqui por Bigode, neste depoimento exclusivo a Rubens Lemos:

BN — Como é que você chegou na Fazenda Capoeira?

BIGODE — Faz uns dez anos, eu já tinha trabalhado nela. Depois fui embora. Mas, devido o projeto de reforma agrária, os proprietários não deram mais roça pra gente trabalhar. Nós viemos para os subúrbios da cidade passar fome, principalmente no subúrbio da cidade de Açailândia. Então nós resolvemos se juntar num grupo. Fomos na GETAT de Açailândia e nada conseguimos. Fomos na GETAT de Imperatriz, falamos com dr. Reinaldo, mas ele também não resolveu o nosso problema. Eu perguntei pra ele: "Doutor, e aquela área conhecida como Capoeira tem título?" E ele respondeu: "Não, ela não tem título. Ela é uma área pertencente ao governo do Estado". Ai, nós perguntamos: "Doutor, e a reforma agrária, quando ela vai sair na prática?" Ele disse: "Ah, só quando vier uma documentação lá de Brasília. Por enquanto, nós não temos ordem ainda". Isso foi no mês de fevereiro. Então nós falamos pra ele: "Doutor, se porventura nós fizer a ocupação dessa área, o senhor vai mandar nos massacrar, nos botar pra fora?" Ele falou: "Não. Eu não mando vocês entrarem. Mas, também, se vocês entrarem eu não mando vocês saírem". Ai eu falei: "Pois, hoje, o senhor fica sabendo que nós vamos entrar na ocupação".

BN — Eram quantos?

BIGODE — Começamos num grupo de quatro e terminamos num grupo de 274. Ai, nós aproveitamos o ensejo de um comício que o deputado Cid Carvalho, do PMDB, foi fazer em Açailândia, no Clube Recreativo. Fomos os 274. Chegando lá eu falei assim: "Doutor, queremos saber do senhor, se nós entrar de ocupação na área Capoeira, se o senhor proíbe a polícia de nos massacrar". Ai, ele falou: "Olhe, eu não posso prometer isso a vocês, porque eu vivo lá em Brasília. Luiz Rocha (governador do Maranhão) é covarde. De repente, Luiz Rocha manda a polícia em cima de vocês e quando eu vier a saber vocês já estão transformados em pubo de taca (no linguajar da região, significa estão mortos). O mais que eu posso fazer pra vocês é levar um abaixo-assinado ao 4º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, em Brasília. Vocês têm abaixo-assinado?" A gente tinha. Ele disse que, com oito dias, tinha uma resposta pra gente. Ai, eu entreguei o abaixo-assinado a ele. Aonde eu falei pra ele: "Olhe, doutor, nós vamos esperar oi-

"Cabra marcado para morrer"

"Bigode", o líder dos posseiros de Capoeira está escondido.

to dias. Não chegando, tá passando o tempo de roça, nós somos obrigados a entrar na mata pra trabalhar". Passaram os oito dias e nem notícia do doutor. Ai nós entramos na mata e ocupamos a terra.

O encontro com Chico Rico

BIGODE — Quando nós estava começando a trabalhar, que "Chico Rico" soube que nós tava dentro, ele entrou por baixo, acompanhado de cinco homens armados e ele também armado. Um deles era "Zé Mônica". Ele é fiscal de Chico Rico há uns quatro anos. Justamente o ditto que ajudou a polícia a sepultar os corpos dos dois companheiros emboscados agora em Capoeira.

(Vamos aqui reproduzir fielmente a conversa entre Bigode e Chico Rico, segundo as palavras do próprio Bigode).

CHICO RICO — Cara, o que é que vocês estão fazendo aqui?

BIGODE — Estamos brocando roça.

CHICO RICO — Dentro das minhas terras?

BIGODE — Não me consta que essa terra é do senhor. Como é que o senhor comprova?

CHICO RICO — Eu tenho o título.

BIGODE — Se o senhor tem o título, a terra é sua. Ninguém lhe toma. Mas olhe, doutor: a gente só sai daqui de dentro depois que o governo mandar lotear uma terra para nós, pois nós não temos onde ficar. Nós se acha despejado de outras fazendas, sem direito a uma roça. Por essa razão nós estamos aqui, pressionando a reforma agrária, pra que ela entre nesse nosso querido Brasil. E a reforma agrária para entrar no nosso país tem que ser através de pressão. Se não for assim, ela não entra. Não precisa nós discutir, nosso negócio é com o governo, não temos nada com o senhor. Só que nós temos de tratar de uma negociação.

CHICO RICO — Que espécie de negociação?

BIGODE — Doutor, segundo o que a gente vê pelos jornais aí, o proprietário tendo o título da terra, o governo manda lotear uma área noutro lugar e tira todos os posseiros de dentro da área do fazendeiro e coloca naquela outra área e o fazendeiro fica com a área livre. E se o fa-

zendeiro não tem o título, o governo desapropria ele, indeniza alguma coisa que ele tenha feito e deixa os trabalhadores rurais na terra.

CHICO RICO — Bigode, você é esperado... Mas escute uma coisa: se vocês saírem hoje, nós somos os mesmos amigos. Caso não saíam, a gente passa a ser inimigos. Vocês saindo, eu vou trazer quarenta famílias do Paraná para botar aqui dentro e vai ter muito serviço pra vocês.

BIGODE — Doutor, nós tamos cansados de roçar juquirá. Nós queremos é plantar arroz, feijão, mandioca, laranja, mamoeiro, tudo enfim, pra saciar a fome dos nossos filhos e aumentar o progresso do nosso querido Brasil. A fome está uma coisa terrível, doutor. Doutor, quantos filhos o senhor tem?

CHICO RICO — Dezessete. Mas o que eu quero saber é se vocês vão sair.

BIGODE — Não. Nós não vamos sair. A gente só sai daqui pra cima de outra terra. Sair pra voltar pro subúrbio de Açailândia, nós não vamos sair, não. Isso eu digo pro Presidente, seja quem for.

(Bigode faz uma pausa, para lembrar que, nessa altura da conversa, só estavam três camponeses: ele, "Casagrande" e Antônio Luiz. Os outros haviam fugido. Explica, ainda, que o fazendeiro e os acompanhantes "pararam o carro a uns 50 metros do barraco e vieram de a pé. Fotografaram uma roça queimada, fotografaram o barraco. De cá, a gente via pelos vidros da Kombi as armas longas. Tinha um carro cheio de armas longas e na cinta deles, revólver e mauser").

CHICO RICO — Vocês não saindo na próxima semana, eu vou mandar sobrevoar a área. Vou mandar a polícia metralhar vocês.

BIGODE — Se o senhor for presidente da República o senhor manda nos metralhar. Seu Chico, olhe, o senhor não mande nos matar. Cuidado, o senhor não mande nos matar.

O medo da morte

BIGODE — Eu comecei a sentir que nós tava em tempo de ser seqüestrado. Os homens à paisana, os cinco homens, nós julgamos ser pistoleiros de Chico Rico. Então eu disse: "Seu Chico, eu sabia que o senhor ia entrar aqui na área. Por esse motivo eu vim decretado para tratar da negociação com o senhor". Quando eu falei assim, ele aperriou-se, ficou vexado, olhando prum lado e outro, e me fez uma pergunta: "Quantos invasores vocês são aqui?" Eu respondi: "Invasores não senhor. Nós somos ocupantes e estamos numa faixa de 1.400 pessoas". Ai ele disse: "Não tem condição de nessa área caber 1.400 homens. Vocês vão resultar se matando por causa dessa terra". Ai, então, eu falei pra ele: "Não, doutor, não se preocupe. Se der de tocar cinco alqueires é cinco alqueires, se não der é dois... pode deixar que nós divide entre nós. O senhor não acha que é muita terra, não, doutor? Sessenta mil hectares de terra para um homem sozinho? Arranje um pedaço dessa terra pra nós. O senhor fica com uma parte, essa parte da abertura, e cede a parte de trás, dos fundos, pra nós".

Daí a pouco, olhando prum lado e pra outro, falou por cima do ombro pra mim: "Olhe, Bigode, nada de violência".

Foi quando eu falei:

"Não se preocupe. Enquanto o senhor não usar a violência contra nós, nós não usamos contra o senhor. Na hora em que o senhor passar a derramar o nosso sangue, nós passa a derramar o seu".

Dai, ele partiu. Isso foi uns quinze dias antes das mortes de Capoeira.

Armas modernas

É preciso fazer aqui um esclarecimento. Antônio Alves de Macedo Filho está, neste momento, conversando com a gente, num determinado local para onde fomos trazidos. Ele está escondido como um "cabra marcado para morrer". O local é distante de Buriticupu. Para fugir ao cerco dos pistoleiros, Bigode contou com ajuda e não vamos dar nenhuma "dica" para não prejudicá-lo. Ele confirma que a região é um centro, hoje, de pistoleiros, e que os latifundiários estão adquirindo armas modernas em grande quantidade:

— A região tem muito pistoleiro. Principalmente a Fazenda Terra Bela, em Buriticupu, é completa e repleta de pistoleiros. E, afinal, aqui na região, a fazenda que tem pouco tem dois. Agora com o projeto de reforma agrária, os fazendeiros compraram munição e armamento. Tudo muito moderno pra matar trabalhador. Segundo Chico Rico falou, matando o cabeça, o resto correria. Ele, Chico Rico, me responsabilizou como cabeça da ocupação e tencionava me matar. No dia em que ele esteve comigo, lá na Capoeira, ele me fotografou. É claro que é pra pistoleiro. Ele é ruim, ele é acostumado a mandar matar. Eu, que trabalhei com ele dois anos, conheço as papeladas do Chico. Um dos companheiros que morreu parecia muito comigo. Eu acredito que atiraram no rapaz pensando que fosse eu. Eu estou em isolamento, escondido, sem direito de andar na rua, sem direito de coisa nenhuma, porque os carros pequenos (carros usados por pistoleiros) estão rodando, pedindo informações sobre mim. Os companheiros não falam nada. Todos me conhecem aqui na região e me avisam: "Bigode, cuidado, os homens andam te procurando". A polícia só desarma trabalhador. Ninguém vê a polícia tomar arma de fazendeiro. E as armas deles são moderna, são arma importada.

BN — Você tem vontade de voltar pra terra?

BIGODE — Eu tenho plano de voltar. Vamos ver o que é que o governo faz. Hoje, nós não queremos mais negociação com Chico Rico. Ele já mandou matar dois dos nossos companheiros e pode mandar matar mais. Agora, só tem uma saída: ou ele ou nós. Só que, desapropriado, sem terra, sem nada, nós não queremos ficar. Nós não queremos assaltar banco. Nós não queremos roubar nos mercados. Precisamos trabalhar. E nós não sabemos fazer outro serviço que não seja plantar arroz, milho e feijão.

BN — Você está com medo, Bigode?

BIGODE — Eu estou. E não só eu. Todos os companheiros estão nervosos. Não é por isso nem por aquilo. Não é que o pistoleiro seja valente. Pistoleiro é muito é covarde. Só mata a gente de emboscada, fazendo trincheira nas estradas, esperando a gente passar. Ele não vem "a peito". Eles são o maior perigo porque são traçoeiros. Se a gente mata um pistoleiro, o governo manda os homens da lei em cima de nós. E a gente só leva desvantagem, porque onde vai metralhadora não tem "couro" que agüente. É preciso que o governo veja que nós somos burro de carga do nosso país, enquanto os latifundiários só querem plantar capim. O Maranhão está composto quase só de latifúndio e capim.



Cheiro de mortes na Nova República

Os telefonemas assustados de São Luis do Maranhão falavam de um massacre de 27 camponeses na Fazenda Capoeira, no Vale do Pindaré. O maior de tantos massacres nos últimos tempos. Rubens Lemos, da Direção Nacional do PT, deslocou-se imediatamente para o Vale do Pindaré, juntando-se a uma comissão de investigação formada por entidades populares. Eis o seu relato:

Calor de 38 graus, noite escura feito breu e a primeira informação concreta: dois posseiros mortos e uma mulher ferida. Local: Capoeira (no Maranhão), a fazenda grilada pelo atual secretário da Indústria e Comércio do Paraná, Francisco Simeão Rodrigues Neto, o "Chico Rico". A mulher, Maria Nazaré de Souza, escapou milagrosamente. A bala atingiu-a de raspão. Em Buriticupu o clima é tenso. "Sente-se no ar o cheiro da morte", disse o padre Cláudio. O terror se instalou no pequeno povoado.

Buriticupu e Arame são os povoados-chaves dessa região, que há dez anos mais ou menos foi transformada em área de colonização, a partir de um projeto do então governador do Maranhão, José Sarney. A colonização vem sendo feita por grandes empresas, entre as quais a Varig, Mafisa e Vale do Rio Doce. Capoeira tem 45 quilômetros de frente e 60.000 hectares.

Buriticupu não tem mais de 200 casas, a maioria de madeira, taipa ou reboco. De acordo com o último censo, ali vivem aproximadamente 3.600 pessoas. Não existe nenhuma infraestrutura. Banho, só de cuia. A igreja católica, o salão paroquial e um pequeno mercado são os prédios mais importantes do povoado, que ainda tem uma pracinha e um campo de futebol de chão batido.

Em busca das provas

Dois lavradores mortos de emboscada. Por que falavam em 27? Exatamente porque Irineu Manoel da Silva andou falando demais. Irineu era considerado o mais perigoso chefe de pistoleiros do Vale do Pindaré. E foi ele que comandou a emboscada contra os dois posseiros e Maria Nazaré. Depois que fez o "serviço", Irineu esteve no Arame e, ao lado de Ribamar — pistoleiro do "segundo escalão" —, disse no povoado que haviam "almoçado" mais de vinte posseiros da Capoeira. Uma semana depois, Irineu foi agarrado e executado. Mais de oitenta pessoas pegaram o pistoleiro no seu esconderijo. O julgamento sumário, mas, antes, a confissão de Irineu: quem mandou emboscar os posseiros foi o médico e fazendeiro Armando César Saraiva Casemiro, cunhado de Francisco Simeão Rodrigues Neto, o "Chico Rico". Outras pessoas estavam marcadas para morrer, revelou Irineu. Entre elas, Luiz Soares Vilanova, presidente do PT no Maranhão; Antônio Alves de Macedo Filho, "Bigode" (ver depoimento exclusivo ao BOLETIM NACIONAL); padre Jean, da paróquia do Arame, e Mirtes, da Pastoral Operária em Buriticupu.

Um grupo de, aproximadamente, sessenta pessoas, representando várias entidades e partidos, havia chegado à região e, dividido em comissões, passou a atuar, ao longo de dois dias, em Buriticupu, Capoeira e Arame com o objetivo de averiguar e, se possível, obter prova das anunciadas 27 mortes. Mais ou menos 1.500



Capoeira: a cova de um dos posseiros mortos

metros depois da entrada da Fazenda Capoeira, a comissão encontrou as covas rasas em que foram enterrados os dois posseiros emboscados no dia 3 de outubro. Perto das covas, a trincheira armada pelos pistoleiros. E, durante a incursão, iam aumentando os indícios de que alguma coisa muito mais séria teria ocorrido, inclusive com relação ao número de mortes. Por exemplo: a fazenda estava literalmente abandonada, mas sabia-se da existência de 400 famílias na área, num total presumível de 1.400 pessoas. Roças recém-brocadas indicavam a presença recente de posseiros. Casebres abandonados apresentavam vestígios claros de que neles houvera gente até bem pouco tempo: utensílios domésticos, óleo de cozinha, farinha, sal, arroz. Num deles, duas espín-

gardas de "soca". A meia hora de caminhada do local da emboscada, sentia-se forte mau cheiro, possivelmente de corpos em estado de putrefação. Dadas as condições inóspitas da mata cerrada, com imensos socavões, tornava-se impossível o acesso ao ponto de onde vinha o mau cheiro.

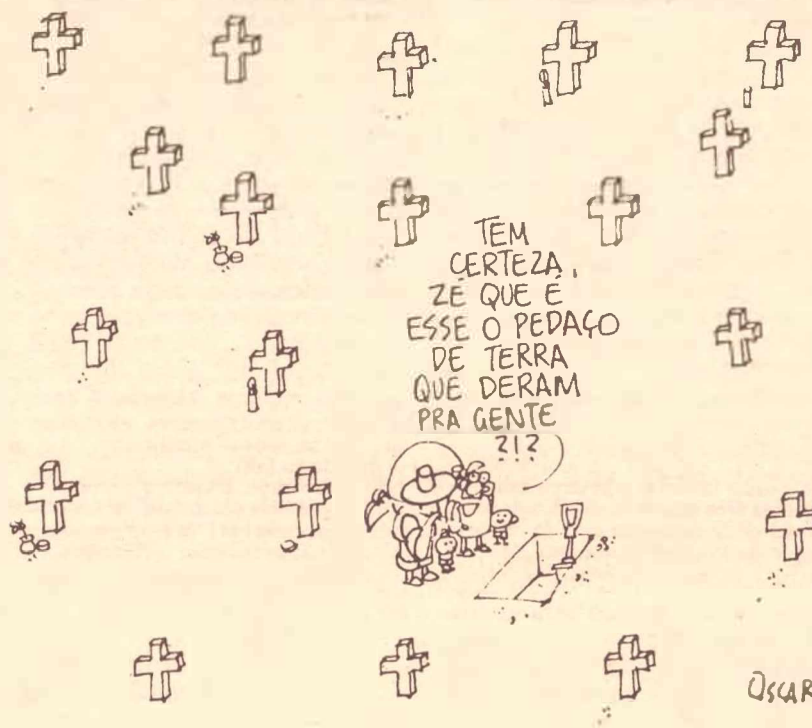
Fortalecendo indícios

Em Buriticupu, sob verdadeira cortina de silêncio e medo, com pistoleiros conhecidos desfilando acintosamente pelo povoado, pudemos mesmo assim obter algumas informações que fortalecem os indícios do massacre, independentemente de números exatos: 1) o fazendeiro conheci-

do como "Manoel Goiano" declarou, logo após a revelação da morte dos dois posseiros, que "não foram só esses. Tem mais gente morta e vai morrer muito mais"; 2) "Antônio das Folhas", bastante conhecido na região, revelou que seu filho, passando pelas matas de Capoeira, havia se deparado com "mais de dez corpos de lavradores crivados de bala"; 3) declaração de "Marivete", dono de caminhão de fretes em Buriticupu: a 30 de setembro, contratado por Irineu, ele levou para as terras de Capoeira um grupo de mais ou menos vinte pessoas, das quais seis eram pistoleiros. Além disso, foi feito um carregamento de armas longas e curtas e várias caixas de balas. Três dias depois, ocorria a emboscada; 4) no dia da emboscada, "coincidentalmente" não havia um só policial disponível em Buriticupu: o delegado estava fora. Dos seis soldados, quatro estavam viajando e os outros dois estavam "doentes"; 5) a emboscada ocorreu em 3 de outubro, mas a polícia só apareceu em Capoeira cinco dias depois, tempo suficiente para que os interessados fizessem a "limpeza da área".

Barril de pólvora

Deixamos Buriticupu, passando por Açailândia, sem a certeza de quantos posseiros foram assassinados, mas convictos de que a região é um barril de pólvora. Nela — compreendendo todas as terras do Tocantins-Araguaia — existem cerca de 50 milhões de hectares de latifúndio. A maioria absoluta é de terras improdutivas, conforme reconhece o próprio Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, em estudo apresentado ao governo federal em agosto. Trecho do documento: "A região do Araguaia-Tocantins, objeto do presente estudo, (...) apresenta-se como a área de maiores conflitos, decorrentes da disputa pela posse da terra, tendo resultado na morte de centenas de pessoas, entre posseiros, pistoleiros e fazendeiros, num confronto envolvendo milhares de famílias". Diz ainda o documento: "Órgãos policiais: Existe um total desaparecimento da Polícia Militar, que se resente da falta de recursos, refletindo na escassez de pessoal, equipamentos e adequado treinamento dos funcionários para o desempenho de suas funções. Por outro lado, existem denúncias, segundo as quais, o aparelho policial tradicionalmente tem dado apoio a fazendeiros e grileiros (o grifo é nosso), promovendo despejos sem ordem judicial e agindo com violência contra os posseiros". Com relação aos órgãos judiciários, o estudo do MIRAD denuncia: "Observa-se, da mesma forma, um total desaparecimento do Poder Judiciário estadual, com baixa remuneração dos servidores e escassez de recursos humanos e materiais. Nessa área, que se apresenta como a região de maiores conflitos pela posse da terra, com a ocorrência de centenas de assassinatos, verifica-se que esses crimes dificilmente chegam a ser apurados e os responsáveis julgados. Impera um clima de total impunidade que implica num estado de insegurança para a população. Há denúncias de que setores do aparelho judiciário atuam em conivência com pretensos proprietários ou grileiros na expedição de medidas liminares para a promoção de despejos de famílias, sem considerar seus direitos de posse já adquiridos".





Balanço da bancada pequena porém combativa

O PT possui atualmente cinco deputados entre os 479 da Câmara Federal. Qualitativamente, transcende em muito a expressão numérica. Sem qualquer complexo de inferioridade (que manifestam, porém, outros partidos de reduzida representação), a bancada petista tem perseguido um duplo objetivo: **traduzir** no plano parlamentar o vasto campo de ação social do PT e **criar**, pelos meios de que dispõe, espaços políticos novos para a luta dos assalariados.

À atividade tradicional de denúncia das injustiças sociais — sempre útil e necessária — temos procurado agregar a fiscalização rigorosa e bem documentada dos atos do Executivo. Mas é sobretudo no que diz respeito à articulação global das lutas de demandas fragmentárias da sociedade que reside, a meu juízo, o esforço mais bem sucedido de **criação política** da bancada.

Na defesa da Constituinte autônoma e soberana, por exemplo. Objeto de campanha nacional, integrando as mais diversas organizações da sociedade civil, acabou por cristalizar-se em torno da **Emenda Djalma Bom**, iniciativa do líder subsidiada pelos demais membros da bancada. Até mesmo correntes liberais, via de regra avessas a reconhecer-nos mérito, tiveram que secundar o projeto petista (dentro e fora do Congresso Nacional) para não ficarem à margem da disputa sobre a natureza e o caráter da futura Constituinte.

O **Relatório Bierrembach**, que explicitou o fosso político entre os partidos oficialistas (PMDB, PFL, PCB, etc.) e a sociedade civil teve igualmente como seu pano de fundo o trabalho de sensibilização exercido pela nossa bancada junto aos setores progressistas de outros partidos.

A Reforma Agrária é outro exemplo. Orientada pela Executiva Nacional, a bancada articulou a mobilização interpartidária pela execução imediata do Plano original de Reforma Agrária, o chamado **Projeto MIRAD/INCRA**. Cientes, embora, das falhas e lacunas do 1.º PNRA, visávamos antes de mais nada deflagrar no processo de desapropriações no campo, submetendo a abstrata retórica da Nova República ao sempre melhor critério da verdade: a prática.

Pronunciamentos, manifestos conjuntos, pressão direta e pessoal sobre o presidente Sarney, articulação com o sindicalismo

rural, as CPTs, o Movimento dos Sem-Terra, se não resultaram na viabilização do PNRA, sem dúvida obrigaram o governo a assumir (precipitar seria o termo) sua verdadeira estratégia agrária, até então mascarada pelos discursos bem-intencionados de tal ou qual porta-voz. Desfez-se o (artificial) bloco de apoio ao governo, deslocando para a oposição (pelo menos neste particular) setores que acreditavam possível fazer verdadeira Reforma Agrária sob o patrocínio do Palácio do Planalto.

Destacaram-se nesta missão os deputados Plínio Sampaio e Irma Passoni.

A pauta de atuação da bancada é, de resto, ampla e diversificada. Constituinte e Reforma Agrária, por centrais que sejam na conjuntura nacional, não esgotam absolutamente nossas preocupações. Exemplificam nosso método de ação, isto sim. Outras prioridades da bancada: sustentar — doutrinária, política e materialmente — o direito de greve. Combater a cultura antigreve, afirmar a paralisação do trabalho como inalienável mecanismo de defesa econômica e expressão política dos trabalhadores.

Luiz Dulci, deputado federal

O PT E A AÇÃO PARLAMENTAR

Uma resposta às acusações da imprensa contra nossos parlamentares

Nós, petistas, defendemos que a ação parlamentar só é politicamente correta se ela se der ao mesmo tempo no Parlamento e junto aos movimentos populares. A gente sente todo o dia que Brasília é uma ilha de fantasia. Que é insustentável ouvir discursos todos os dias, o dia todo, sem que o Congresso tenha recuperado suas prerrogativas plenas.

Tão importante quanto a ação no Parlamento é a atuação dos parlamentares na vida política dos trabalhadores, e isso acontece fora do Parlamento, fora de Brasília. E exige a presença dos parlamentares comprometidos com as lutas populares nos mais diversos pontos do país. Mês passado estive em Itaipu e recebi a denúncia de que um dos maiores hospitais da América Latina, todo equipado, com cinco unidades de terapia intensiva, instalado pela Itaipu Binacional, estava para ser negociado com a Golden Gross ou com a Interclínicas, isso quando a cidade não possui um único hospital governamental. Ainda no Paraná, vimos o contrabando de trigo pela "Ponte da Amizade". Chegam a apagar as luzes da ponte, para facilitar a passagem dos caminhões de trigo para o Paraguai. Em Bauru ouvimos denúncias de mulheres obrigadas a assinar carta de demissão com data em branco para ser usada no caso de casarem ou engravidarem. No Mato Grosso do Sul descobri que o governo do Esta-

do arrendou a particulares enormes e modernas instalações que deveriam estar sendo usadas para a reeducação e profissionalização de menores abandonados ou carentes. Foram arrendadas oficinas de sapataria, mecânica, confecções, lavanderia e padaria. "Não assumo a responsabilidade por filhos de prostitutas", respondeu a "primeira dama do Estado", quando foi cobrada por assistentes sociais.

O que eu quero dizer é que com as viagens os parlamentares verificam **in Loco** os casos de corrupção, e levam seu apoio às lutas populares, às reivindicações, aos reclamos contra o desvio do dinheiro dos trabalhadores. À medida que ele congrega a ação no Parlamento ao contato com o povo, ele integra a política à vida do povo e o povo à vida política.

A difamação contra parlamentares ausentes do plenário atinge principalmente os mais combativos e comprometidos com as lutas populares, porque o parlamentar corrupto, que compra voto, continua se elegendo comprando voto. Querem nos prender nas cadeiras de Brasília, para ouvir discursos o dia inteiro. Somente no mês de outubro os parlamentares do PT perderam cerca de um terço de seus salários porque viajaram bastante para ficar ao lado das lutas populares.

Irma Passoni, deputada federal

A volta do que não foi

O deputado estadual Paulo Frateschi, que havia saído do PT há quatro meses, agora está de volta — e para ficar. Frateschi declarou ao **BOLETIM NACIONAL** que "se era ruim com o PT, pior sem ele".

Disse que sua saída do Partido foi um erro: "Um processo de desespero que se desencadeou na época da campanha pelas diretas, quando observávamos a união das forças conservadoras. Desde aquela época venho propondo ao Partido que busque uma articulação com as forças políticas mais progressistas, visando abrir novos espaços para os trabalhadores na cena política".

O desespero aumentou, segundo Frateschi, quando foi levantada a proposta de coligações ente o PT e PSB (chapa Suplicy, prefeito, e Rogê Ferreira, vice) e acabamos optando pelo PT mesmo.

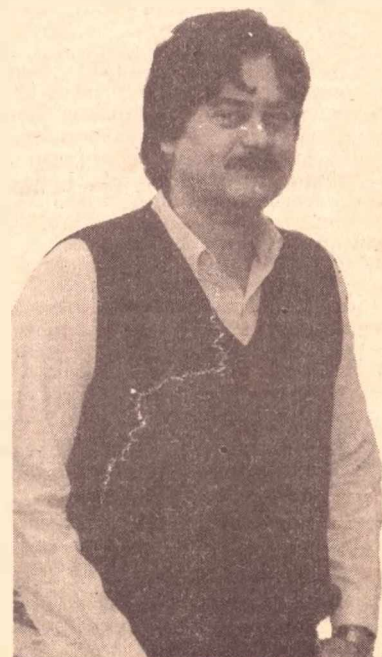
"Não se faz o partido crescer gritando PT, PT, PT... Uma política de alianças poderia ser muito útil para nossa luta", afirma Frateschi. "Não em São Paulo, admito agora, mas em outros Estados há bons políticos cujos nomes estão despontando e onde algumas alianças seriam muito importantes para o PT".

Ao ser indagado sobre o porquê de sua volta ao PT, uma vez que os problemas que afirmou enfrentar dentro do Partido não deixaram de existir, Frateschi disse que se é difícil adotar uma política de alianças dentro do PT, fora dele é praticamente impossível.

"Não saí do PT com brigas e mesmo fora dele continuei trabalhando na campanha do Suplicy".

Frateschi explica que continuará sustentando suas posições dentro do Partido e que seguirá na luta de acordo com o seu programa, que, dentro da sua visão de mundo, é o que mais representa os anseios da sociedade.

Marisa Lourenço



PESQUISA

Cláudio Cerri

I

O desalento provocado pelas pesquisas junto à equipe de Montoro deve-se a três conclusões incômodas. A primeira é de que a gestão Montoro constitui o principal inimigo da candidatura de Fernando Henrique em São Paulo. A segunda, mais importante ainda, é de que o governador provavelmente não terá forças para fazer seu sucessor no Estado em 1986: E isso poderá levar o PMDB a uma nova e violenta disputa interna, a muito custo contida nestas eleições. Finalmente, a terceira evidência é de que os sonhos presidenciais de Montoro devem desde já ser engavetados, juntamente com as desanimadoras pesquisas de popularidade do Gallup e da Alcântara. Feito o balanço da desastrosa gestão do PMDB em São Paulo, portanto, resta perguntar a quem fez campanha de voto útil, em 1982, se ainda dá — honestamente — para insistir na mesma tese agora em 1986.

II

O clima de funeral que tomou conta do Palácio dos Bandeirantes nas últimas semanas não se deve apenas às dificuldades enfrentadas pelo candidato do PMDB nas eleições municipais. Ele reflete também o desânimo da equipe de Montoro, diante da fulminante perda de popularidade do governador. Duas pesquisas encomendadas recentemente pelo Palácio dos Bandeirantes — uma do Gallup e outra da Alcântara Machado — tiveram que ser rapidamente engavetadas por revelarem números dramáticos. Submetido ao crivo do debate eleitoral, o governo do PMDB em São Paulo não resistiu ao balanço e atingiu seu ponto mais crítico em termos de apoio popular dos últimos anos.

III

O critério de “voto cristalizado” com que trabalha o IBOPE fornece indicações mais precisas da disposição do eleitorado. Ele não mede a simpatia de momento (como faz o Gallup), mas a decisão já tomada — o voto certo, irreversível. Por esse critério, Fernando Henrique e Jânio Quadros teriam cada um o equivalente a 20% do eleitorado em São Paulo, com ligeira vantagem para o candidato do PFL. Trata-se de um percentual apenas alguns pontos superior àquele atribuído a Suplicy, que segundo o IBOPE teria alguma coisa como 16% dos votos — quase que todos eles “cristalizados”. Esses números provam que se as chamadas forças progressistas do PMDB quisessem de fato lutar por uma candidatura de esquerda em São Paulo — como a de Suplicy — seria possível registrar-se uma virada na campanha, semelhante à obtida por Brizola no Rio, em 1982. Os “progressistas” que gravitam no PMDB, porém, preferem



PALAVRA DE LÍDER

Aceitar o pacto é pagar o pato.

“Quando o governo diz que é necessário socializar os sacrifícios para sairmos desta crise, nós trabalhadores já sabemos que seremos, mais uma vez, as vítimas.”

Nós trabalhadores estamos “escaldados” de pactos que, por dever de ofício, na luta econômica, temos acordado com a classe patronal. Nossas campanhas salariais têm sempre esse desfecho: um pacto, ou acordo em que a maior parte de nossas reivindicações não são atendidas ou, então, o julgamento demorado na instância do judiciário trabalhista, de nossos dissídios cujo resultado final é sempre algo muito aproximado do que o governo e os patrões desejam acordar em termos de salários e condições de trabalho.

Não raro, tentamos alterar o conteúdo previamente determinado pelas regras do jogo impostas pelas normas legais vigentes — claramente favoráveis ao patronato — através da mobilização de nossas categorias e a utilização de nosso instrumento maior: a greve.

Uma campanha salarial é, portanto, um campo onde as partes — de um lado nós, os assalariados e do outro, os empregadores com apoio direto ou não do governo — se confrontam, uma buscando recuperar as perdas salariais decorrentes do arrocho e outros buscando, de todas as formas, não diminuir sua taxa de lucro. O que tem ocorrido todos nós sabemos. Na hora da negociação as partes que se encontram em torno da mesa estão em flagrante desigualdade. Mesmo que os negociadores representantes dos trabalhadores tenham o respaldo da categoria mobilizada e até mesmo em greve, o atrelamento dos nossos sindicatos ao Ministério do Trabalho, a existência das leis e decretos-leis antigreves, a falta de estabilidade no emprego nos colocam em clara desvantagem diante do patronato e do governo, em cujo manto legal se protegem.

Alguém poderá dizer que a Nova República tratou de equilibrar as partes, possibilitando-lhes, no plano legal e institucional, igualdade de condições a fim de que possam negociar efetivamente e não apenas serem coadjuvantes de uma farsa.

E evidente que o terreno não está aplainado. Não há igualdade entre as partes enquanto perdurar as leis antigreves, o controle dos sindicatos por parte do MTB e a política de admissão e demissão do empregado ditados exclusivamente pelo interesse do empresário.

No plano institucional e político, uma das partes deste pretenso pacto e até mesmo, o até agora maior empenhado nele, o governo, não tem dado demonstração de querer abrir mão do entulho autoritário da ditadura e se colocar no mesmo plano das outras duas partes que apontam como possíveis parceiros — o empresariado e os trabalhadores — para uma conversa franca, de igual para igual.

Exemplos disso: a constituinte congressual em vez da exclusiva que era desejada pela maioria da nação; a negativa da anistia ampla e irrestrita; a reforma agrária segundo os interesses do latifúndio; a dívida externa sendo paga com o sangue, o suor e a fome do trabalhador; a lei de greve sendo alterada e não revogada.

O esforço político mais amplo duramente conquistado pelo movimento sindical é parte importante, tem de ser ampliado e aprofundado. A “Nova República” tenta administrar esse espaço extamente para controlar a sua expansão e aprofundamento nos limites do suportável pelas forças conservadoras e reacionárias que a sustentam.

Do ponto de vista do governo e do empresariado, cujos interesses aquele pretende proteger sob o manto do Pacto, há que se conter os impetus reivindicatórios de todas as categorias de trabalhadores e, por conseguinte, suas greves. Move-se o governo tendo como baliza o atendimento do acordos com o FMI e a retomada do desenvolvimento sem nenhum sacrifício àqueles que se locupletaram na época do milagre, na especulação financeira, nos escândalos com o dinheiro público, com o arrocho salarial, com o endividamento interno e externo.

Quando o governo diz que é necessário socializar os sacrifícios para sairmos desta crise, nós trabalhadores sabemos que seremos mais uma vez vítimas, principalmente se ficarmos ou formos condescendentes. Se aceitarmos o pacto, impreciso no seu conteúdo mais claro no seu objetivo, acabaremos novamente pagando o pato.

Isto não quer dizer que os trabalhadores através de seus sindicatos e, principalmente através da CUT e até mesmo da CONCLAT, dos seus partidos e instrumentos de luta política, não busquem trazer para a mesa de negociações o governo e o patronato não só para serem atendidas suas principais reivindicações, mas até mesmo para lhes formularem sua alternativa política mais ampla para a saída da crise.

Até agora não há sintonia entre a expectativa do governo e do patronato, através do pacto que sugerem, e as aspirações dos trabalhadores nos terrenos político, econômico e social.

A construção da nossa alternativa global que vai além das reivindicações pontuadas é o desafio que se coloca para o movimento popular e sindical, até mesmo para se contrapor com autoridade e

OLIVIO DUTRA

— Presidente do PT/RS; membro da Executiva Nacional do PT; competência a tese do Pacto Social

dormir em berço esplêndido, junto com a direita.

IV

O voto em Eduardo Suplicy, candidato do PT à Prefeitura de São Paulo, é o mais “cristalizado” da atual campanha eleitoral. Ou seja, é o voto mais firme, mais consciente, praticamente irreversível. Essa é a conclusão do pessoal técnico do IBOPE, com base nas pesquisas de outubro realizado pelo instituto. A equipe do IBOPE é dirigida por Homero Sanches, um dos mais conceituados pesquisadores do mercado, que previu em 1982 a vitória de Brizola, no Rio, contra todos os prognósticos dos demais institutos, inclusive do Gallup. Devido à forte “cristalização” de voto conquistada por Suplicy, o pessoal técnico do IBOPE acredita que se a candidatura do PT fosse “retirada” — como quer o PMDB — dificilmente os votos petistas poderiam ser transferidos ao candidato oficial, Fernando Henrique Cardoso. “O mais provável é que boa parte deles fosse anulada”, dizem os técnicos do instituto.

V

Outra conclusão importante extraída pelo IBOPE, através do cruzamento dos números colhidos em outubro: “Suplicy é o candidato que detém hoje o maior índice de confiabilidade junto ao eleitorado”. Esse patrimônio conquistado pelo PT, porém, não é negociável. Se retirasse sua candidatura, o partido dificilmente teria a mesma credibilidade nas próximas eleições.

USO DA MÁQUINA

Depois que tomou posse, em 1983, o governador Franco Montoro resolveu fazer uma devassa na Conesp (Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo). Havia fortes suspeitas de que aquele órgão tivesse sido utilizado indevidamente por Maluf para financiar candidaturas do PDS e abrigar o empirismo eleitoral. A Conesp ficou parada quase um ano e infelizmente, agora, a história se repete. Várias construtoras que trabalham para o governo do Estado na área escolar estão sendo “convidadas” a colaborar com a campanha de Fernando Henrique à Prefeitura de São Paulo. Tal qual acontecia na época de Maluf. Ao assinar um contrato para uma nova obra, as empreiteiras automaticamente são levadas a assinarem também uma lista de fundos pró-Fernando Henrique. As contribuições variam de Cr\$ 30 milhões a Cr\$ 40 milhões, dependendo do valor da obra. E nem mesmo as pequenas construtoras do Interior estão livres da “caixinha” da Conesp, pró-candidato oficial.

Nas páginas centrais o nosso Boletim de boca de urna. Destaque-o e cole-o no caminho das urnas.

★ PT PORQUE PT ★ PT PORQ

Paulo Betti



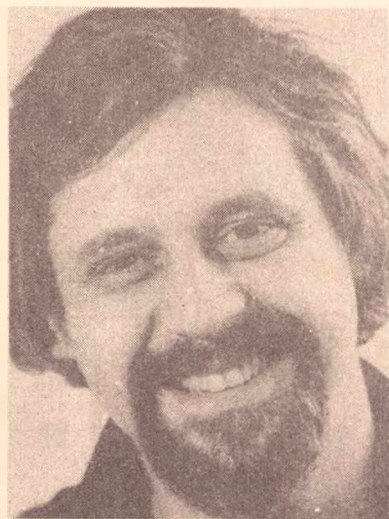
Fotos Daniel Augusto F/A

Eu fazia teatro na periferia de São Paulo e em cada lugar que eu chegava, sábado e domingo à tarde, para montar o cenário das peças, eu encontrava ali núcleos de moradores amigos do bairro e pessoas assim reunidas com um deputado, com um membro do então nascente PT. Então eu vi como esse Partido se estruturou e se formou realmente de baixo para cima.

Eu ficava esperando acabar essas reuniões, que às vezes atrasavam nosso espetáculo, porque estavam usando o espaço onde a gente ia apresentar a peça sábado ou domingo à noite. E ali estava reunido alguém do PT com membros da comunidade tentando articular uma proposta política.

Eu acho que perder certos vereadores, deputados, perder certos mandatos que nós tínhamos, não fosse uma atitude correta em determinado momento, daí, às vezes eu fico irritado com o PT. Mas logo depois, na hora de escolher o candidato em quem eu vou votar, eu noto que os outros partidos fizeram composições que não têm nada a ver, ou tiveram que apoiar causas ou fazer conchavos que eu não acho certo, como é o caso recente do relator da Constituinte o Bierrenbach. Quer dizer, o PT consegue ficar correto e numa atitude íntegra e não tem que fazer como o PMDB, que rechaçou e destituiu o relator.

Antonio Fagundes

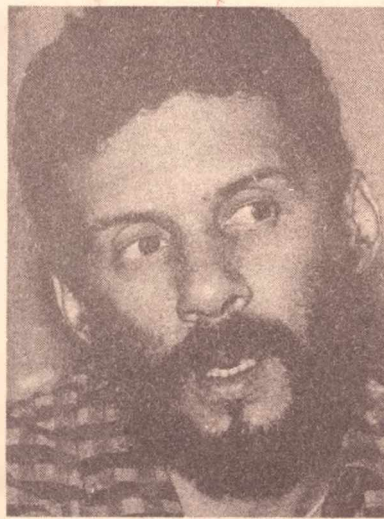


Porque é o único com uma ideologia e que está seguindo essa ideologia.

Porque é o único partido coerente com suas propostas e é o único que tem uma proposta realmente diferente. E não há nenhuma contradição no meu apoio ao Partido dos Trabalhadores porque eu também sou um trabalhador e, aliás, dou um duro danado. Chego a trabalhar 18 horas por dia às vezes.

Acompanhei a linha política do PT e vi sua coerência e sua representatividade e sei que ele está crescendo. Não é pra já, mas o PT ainda vai ser um grande partido.

Gonzaga Jr.



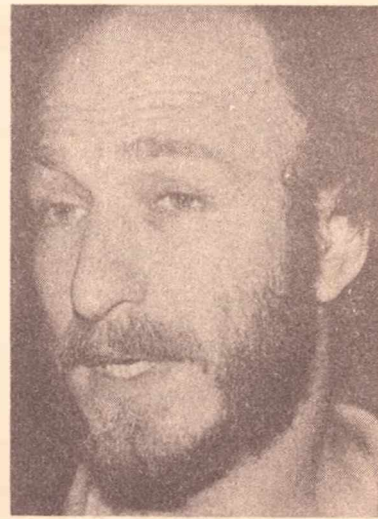
Quando perguntamos a Gonzaguinha por que PT, ele respondeu poeticamente: "É uma questão de oxigenação. Fruto de um trabalho que tem paciência, que tem firmeza, tem força, tem profundidade... um corte na vertical. Botar a mão mais fundo na terra e ter o prazer maior. É um processo muito longo, não muito fácil... é bastante demorado às vezes.

Mas é importante essa busca da oxigenação, principalmente nesses tempos de transição — onde há uma briga de foice muito grande, onde há uma saca de gatos muito grande.

A represa estourou, as águas rolam em todos os sentidos, em todos os setores. Então, discutir, debater, revolver, revolucionar, oxigenar, buscar a saúde — PT!"

(BN: E dá o maior samba!)

Odilon Wagner



Porque o PT é o único partido — organizado no país — que está inteiro, isto é, que tem um movimento partidário unificado. O fato de o PT ser sempre criticado porque ele não faz coligações, não junta aqui, não junta ali... isso faz com que ele seja visto como radical, mas por outro lado é isso que dá a integridade partidária dele. Eu acho que o PT, com todas as deficiências, com todas as críticas que muita gente faz, muitos de nós petistas fazemos (e muitas com razão, afinal de contas não vamos nos iludir dizendo que o PT é a coisa mais linda do mundo, não é), dentro do quadro brasileiro é o partido mais digno, é o partido que segue princípios claríssimos e é íntegro em suas posições. Não temos o rabo preso.

O voto do PT não é voto contra, é voto a favor. Quem é que disse que nós temos o direito de entrar nessa de voto útil e ir contra a vontade da maior parte da população? Isso é manobra, é autoritarismo puro. Se a população quer fulano ou beltrano, seja ele bom ou não, tem direito de escolher — faz parte do exercício democrático —, e se for ruim vai ter que engolir. Por isso eu digo: votar no PT é votar a favor de alguma coisa e não contra ninguém.

QUE PT ★ PORQUE PT ★

Marcos Frota



Sou PT porque é o único partido que me emociona, mesmo! Não tenho o menor saco para tomar conhecimento dessa mediocridade que é a política brasileira. Acho que não existe nenhuma classe profissional (profissional porque ganha para fazer isso) tão desprestigiada, tão confusa e tão incapaz e tão incompetente como a classe política deste país. O PT surgiu para mim como enfim alguma coisa para se acreditar, para se lutar. Não é um partido perfeito, não é partido que se fecha em si mesmo. É um partido que está aí para crescer e para amadurecer. O PT é o meu partido, é o partido que eu escolhi para lutar!

Lélia Abramo

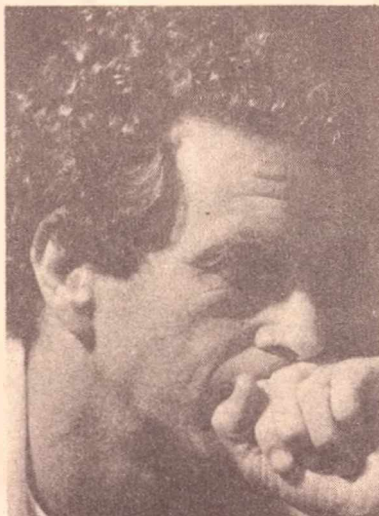


Eu já conversava com Lula, Djalma Bom e Jacó Bittar antes do Partido existir. O proletariado brasileiro, sobretudo o do ABC, me surpreendeu, pois ele realizou uma coisa original na história do proletariado mundial, porque criou o Partido dos Trabalhadores. Um partido que nasce num dado momento histórico, num país oprimido por regime militar repressivo e fascista. Nasce da necessidade de um proletariado que luta por seus direitos, um partido que se define apenas como destinado a defender os direitos dos trabalhadores e a conscientizar a classe trabalhadora de que ela é explorada.

Isso me pareceu um enorme avanço político e uma atitude consciente e lúcida.

Daí a minha participação, a minha adesão ao PT. O povo brasileiro nunca teve vez e voz. No Brasil quem domina autoritariamente, cinicamente, abusivamente é a elite. E eu vi no Partido dos Trabalhadores o único partido que poderia defender os direitos de cidadania do trabalhador. É no bojo do PT que está a mudança a médio e longo prazo. É o início de um processo de conscientização e de aglutinação da classe trabalhadora na defesa de seus direitos. É um longo processo.

Jonas Bloch



“Porque o PT fala de uma coisa que está muito próxima daquilo que eu acredito. Porque está a favor da base da nação, daqueles que trabalham. Porque é um partido democrático de transformação social. Não é autoridade e cego.

Embora eu esteja engasgado com certas coisas do PT (me dói muito a Beth Mendes ter saído deste partido), isso não me tirou a fé no partido. Eu acredito que importantes são as idéias... os homens passam, as idéias ficam. Eu sou PT porque para mim a idéia PT é importante.

Mas não basta o partido ter um programa bonito, precisa ter também uma prática bonita. Discursos bonitos e práticas erradas é o que a gente está vendo nos outros partidos por aí.

É este é o meu toque para todos nós do PT: Eu acho que cada um tem que ocupar o espaço e dizer tudo o que sente em favor de preservar nossa integridade. É muito fácil todo mundo dizer que nós somos os melhores, os maravilhosos... a gente às vezes peca por medo de colocar que a gente tem uma idéia maravilhosa, mas nem sempre nós somos maravilhosos não!

Mas eu quero que este país caminhe por um lado que eu acredito que seja o da felicidade geral e o que está mais próximo disso é o PT.

Marcos Caloi



Porque o PT fala de uma coisa que está muito próxima daquilo em que eu acredito. Porque está a favor da base da nação, daqueles que trabalham. Porque é um partido democrático de transformação social. Não é autoritário e cego.

Embora eu esteja engasgado com certas coisas do PT (me dói muito a Beth Mendes ter saído deste Partido), isso não me tirou a fé no Partido.

Mas não basta o partido ter um programa bonito, precisa ter também uma prática bonita. Discursos bonitos e práticas erradas é o que a gente está vendo nos outros partidos por aí.

É este é o meu toque para todos nós do PT: eu acho que cada um tem que ocupar o espaço e dizer tudo o que sente em favor de preservar nossa integridade. É muito fácil todo mundo dizer que nós somos os melhores, os maravilhosos... a gente às vezes peca por medo de colocar que a gente tem uma idéia maravilhosa, mas nem sempre nós somos maravilhosos não!

Mas eu quero que este país caminhe por um lado que eu acredito que ser PT é uma proposta mais nova de se fazer política. Por isso escolhi PT. Este é o único partido que possibilita uma transformação da sociedade dentro de uma perspectiva moderna.



A prefeitura do PT faz

Com idéias inovadoras e a participação do povo, a administração de Diadema vem se revelando uma das melhores da região. Projetos como a oficina para menores e o consumo de carne de preá não irão resolver o problema da fome, da miséria e da marginalização, mas permitem discutir com a população a importância da luta contra a disparidade entre as classes sociais no Brasil.

UMA ADMINISTRAÇÃO CRIATIVA

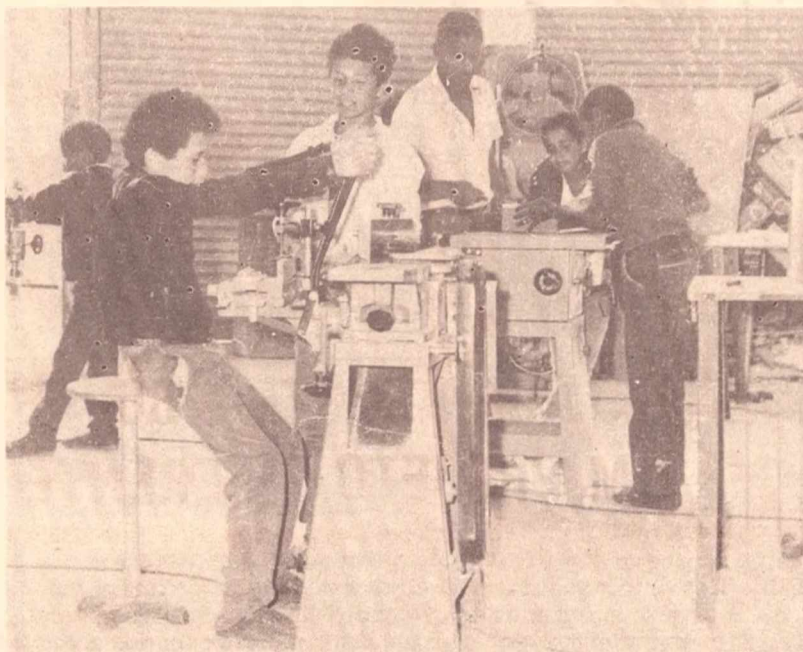
Diadema (SP), a única Prefeitura do PT, continua dando exemplo de como se faz uma boa administração. Até o governo (peemedebista) do Estado observa com interesse um projeto que nasceu em Diadema. Esse projeto tem como objetivo complementar a dieta alimentar da população de baixa renda, e está sendo pesquisado pelo Departamento de Saúde e Higiene de Diadema, desde agosto de 1983.

“Em 83”, conta o prefeito Gilson Menezes, quando organizamos os grupos de compras comunitárias no Município, percebemos que o único produto de origem animal que fazia parte da cesta básica era o ovo e que não havia condições econômicas de incluir a carne na cesta”

Assim, a Prefeitura de Diadema decidiu estimular as famílias carentes a utilizarem a carne de preá como fonte de proteína, substituindo as carnes bovinas, suína e de aves que raramente chegam à mesa dessas famílias. A idéia, lançada pelo diretor do Departamento de Higiene e Saúde, Augusto Silva Ramos, partiu da constatação de que qualquer programa de saúde que não procure combater a fome pode fracassar, e não visa apenas incentivar o consumo da carne de preá, mas também estimular a criação doméstica.

Outro fator levado em consideração nas pesquisas que deram base ao projeto é a facilidade de aceitação desse hábito alimentar em Diadema, uma vez que sua população é formada em 60% de nordestinos e o preá é muito consumido no Norte e Nordeste do país. Em algumas regiões a carne de preá chega a ser a base da alimentação. O preá é uma animal de rápida reprodução, fácil criação e sua carne é de alto valor proteico em relação às carnes de coelho, boi, porco e frango.

Este projeto, desenvolvido em caráter experimental pela Prefeitura de



Oficina de Marcenaria para menores (Centro de Diadema)

Diadema, Fundo Social de Solidariedade e Secretaria de Promoção Social, está sendo agora aproveitado pelo governo do Estado, que, através da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, está distribuindo um Manual de Orientação para a Criação de Preá.

Para incentivar a criação e consumo desse animal foi desenvolvido uma campanha de esclarecimento junto à população local e estão sendo criados casais da espécie no Centro de Controle de Zoonose para serem doados às famílias que não têm condições de adquiri-los. A proposta de consumo de preá é restrita aos que não têm condições de comer outro tipo de proteína animal. Não vai acabar com a fome, mas permitirá, inclusive, discutir com a população o porquê de num país onde há um dos maiores rebanhos do mundo muitos

de seus habitantes precisam comer preás.

Oficina para menores

Muito ouvimos falar sobre segurança do povo e sobre o reforço policial feito pelo Governo Montoro, mas foi no Município de Diadema, na Prefeitura do PT, que se criou uma forma de tirar o menor carente das ruas e dar-lhe uma iniciação profissional, evitando, assim, a sua marginalização.

Com esse objetivo, o Fundo Social de Solidariedade criou uma oficina de marcenaria para menores que vem funcionando há oito meses com três turmas diárias de vinte alunos, vindos de instituições que atendem menores carentes e infratores em Diadema.

Durante as três horas de permanência de cada turma na oficina, os garotos recebem, além das aulas de metragem, desenho e aulas práticas, uma refeição, orientação pedagógica e psicológica quando necessário.

O Fundo Social também paga a condução, mas está procurando conseguir junto às empresas de transportes local que forneça passes gratuitos aos 75 menores inscritos na oficina.

O projeto, que ficou em 8 milhões de cruzeiros, foi custeado pelo Fundo Social de Solidariedade do Estado (3,5 milhões), recebendo como contribuição da Prefeitura de Diadema os técnicos, o prédio, armários e mesas.

Nestes oito meses de funcionamento os meninos produziram aproximadamente duas mil peças de brinque-

dos, vendidas em uma feira de artesanato na cidade. A renda foi revertida na compra de mais material e maquinário e futuramente o excedente será dividido entre os menores, o que valorizará ainda mais o seu trabalho.

Diz Eliete Menezes, presidente do Fundo Social, que os meninos não têm de seguir, é claro, esse ofício obrigatoriamente; que esta é apenas uma forma de incentivá-los ao trabalho. “A única exigência que fazemos é que as crianças estejam na escola”. Quinze meninos da turma iniciante (75) já estão empregados em empresas da região. O primeiro a se empregar foi Sebastião Calixto, de 14 anos, numa indústria de móveis como meio-oficial. Segundo o prefeito Gilson, “os pais dessas crianças se mostraram muito satisfeitos com a grande mudança de comportamento evidente em seus filhos, sinal de que estamos conseguindo bons resultados”.

Os melhores salários.

Os servidores municipais de Diadema receberam no mês passado — através de decreto enviado à Câmara pelo prefeito Gilson Menezes — reajuste salarial e aumento real de 55%. Também por esse decreto foi instituída definitivamente a trimestralidade.

“Quando assumi a Prefeitura”, conta Gilson, “o salário dos funcionários públicos em Diadema era um dos piores da região, perdia para Santo André, São Caetano, São Paulo e para a maioria das prefeituras do Estado. Neste último ano já demos quatro trimestres de reajustes da ordem de 281%, contra o INPC de 220%.”

Em julho deste ano, os servidores receberam 25% de antecipação, mais a incorporação de um mês resultante da mudança das datas-bases (para 1º de outubro, 1º de janeiro, 1º de abril e 1º de julho), e chegou-se ao índice de 51,16%, que corresponde ao INPC integral. Junto com a concessão de 55% dada em outubro, o funcionalismo teve um aumento real de 3,84%. Com este reajuste o menor salário da Prefeitura de Diadema passa a ser de 824.880 cruzeiros.

Cresceu também o número de servidores em Diadema, são 800 novos empregos. Gilson esclarece que foi necessário criar novos empregos, pois o número de obras também está crescendo e a Prefeitura utiliza mão-de-obra própria. “Damos mais empregos e pagamos melhor do que qualquer empreiteira”, conclui Gilson.

Marisa Lourenço

AS CARNES E AS PROTEÍNAS

	Preá	Coelho	Boi	Porco	Frango
Calorias	116	162	146	165	124
Proteínas	26,3 g	21,0 g	21,5 g	19,5 g	22,0 g
Cálcio	23 mg	20 mg	12 mg	11 mg	12 mg
Fósforo	200 mg	352 mg	200 mg	226 mg	203 mg
Ferro	1,9 mg	1,3 mg	3,2 mg	2,9 mg	1,3 mg
Vitamina A	946,66	—	13,33	—	83,33
Vitamina B1	0,07 mg	0,08 mg	0,09 mg	0,95 mg	0,07 mg
Vitamina B2	0,21 mg	0,06 mg	0,19 mg	0,23 mg	0,15 mg

Obs: Composição de alimentos por 100 gramas de partes comestíveis



Anuncie no BOLETIM NACIONAL

Para anunciar nesta página você deve enviar o texto — de no máximo 10 linhas — para BOLETIM NACIONAL do PT, Av. 11 de Junho, 260, CEP 04041 — Vila Clementino — São Paulo. Maiores informações pelo telefone 570-1710.

LINHA SINDICAL DO



Já foi lançada a cartilha da Linha Sindical do PT, contendo as resoluções do Encontro Nacional Sindical do Partido realizado em maio de 1985 em Diadema (SP).

Ela pode ser encontrada em todos os diretórios ou na Sede Nacional (Av. 11 de junho, 260 — CEP 04041 — Vila Clementino, São Paulo por apenas Cr\$ 3.000. Não incluindo a despesa com correio.

Escrever para o Boletim é simples assim:

Participar do BOLETIM NACIONAL é coisa simples. Se você já quis escrever um artigo, uma carta, levantar uma polêmica ou mesmo fazer alguma pergunta pelo BN e não o fez por não saber como ou por falta de incentivo, aqui está o nosso espaço aberto. Escreva, enviando sua carta ou matéria para BOLETIM NACIONAL do PT, Av. 11 de junho, 260, CEP 04041 — Vila Clementino, São Paulo — A/c Marisa Lourenço.

Só pedimos que seu texto não ultrapasse três laudas (20 linhas de 70 toques cada), pois o nosso jornal é um tanto pequeno.

A publicação ou não, na íntegra ou em trechos, fica a critério do Editor.



FIDEL E A RELIGIÃO

23 horas de entrevistas de Fidel Castro com Frei Betto.

Este livro, lançado em outubro pela Editora Brasiliense, está sendo vendido nas livrarias por 48.000 cruzeiros. Na Sede Nacional do PT você pode adquiri-lo por 45.000 (sem incluir as despesas de correio) e assim estará contribuindo financeiramente para o Partido. Os pedidos podem ser feitos por carta para Partido dos Trabalhadores — Av. 11 de Junho, 260 — CEP 04041, Vila Clementino, São Paulo, ou pelo telefone 570-1710. Na compra de cinco volumes você tem 10% de desconto.

AGENDA PT — 86

UM PROJETO DIFERENTE

A Tesouraria Nacional elaborou a Agenda do PT - 86, que estará sendo vendida no final do mês de Novembro/85.

É uma Agenda com mais de 340 páginas, uma página por dia, com capa plástica trabalhada, e espaços para anotações de compromissos com hora especificada. Há encartes com fotos, charges, lembretes e textos do PT.

Além desses encartes, há caderneta com 20 páginas, para endereços e telefones, encaixada na AGENDA, podendo ser usada nos próximos anos.

A aquisição da AGENDA PT — 86 deverá ser feita pelos diretórios regionais diretamente com a Tesouraria Nacional. Os pedidos devem ser feitos por carta para a Rua Santa Terezinha, 35, Porto Alegre, e pelo telefone (0512) 31-0066. Demais informações estão na Circular n.º 008/85 da Tesouraria Nacional, enviada a todos os diretórios.

REEMBOLSO POSTAL

Os filiados e simpatizantes podem obter diretamente a sua AGENDA PT — 86 pelo reembolso postal - Rua Santa Terezinha, 35 - 90040 - PORTO ALEGRE, RS.

Até 30 de novembro/85, o preço de cada unidade é Cr\$ 20.000.

LOJINHA DA NACIONAL

Agora a Sede Nacional do PT tem uma lojinha. Estamos vendendo broches, camisetas, adesivos, faixas etc., de propaganda do PT e da campanha de Suplicy para prefeito de São Paulo. Informe-se sobre os preços pelo telefone 570-1710.

REFORMA AGRÁRIA JÁ. E EU COM ISSO?

Este é o título da cartilha sobre Reforma Agrária que será lançada pelo PT no final deste mês.

Esta cartilha, elaborada pelo Grupo de Trabalho de Política Agrária do Diretório Nacional do PT, em conjunto com o departamento de publicações da ABRA — Associação Brasileira de Reforma Agrária, procura justamente responder a essa pergunta.

A compreensão de que a Reforma Agrária beneficia toda a sociedade e não só os trabalhadores rurais é de máxima importância. Não deixe de ler.

UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS FINANÇAS DO PT

“Não conseguimos a autonomia financeira que almejávamos”

No último semestre, fazendo uma breve análise, mais de 57% das receitas do PT vieram das contribuições dos parlamentares e apenas 29% são das contribuições dos filiados e simpatizantes e 14% do Fundo Partidário.

Essa análise demonstra o quanto estamos falhando na questão que colocamos desde o início da construção do PT, que é a nossa autonomia financeira.

As questões de finanças do PT não estão sendo encaradas como tarefa política de fundamental importância e que devem ser assumidas com seriedade por todos os seus militantes.

O PT se coloca hoje como um Partido a nível nacional e a falta de cumprimentos das questões de finanças faz com que se torne impraticável manter os compromissos do Partido.

Para que possamos continuar a nossa luta em cada Estado, em cada Município, muitos de nós temos que mudar o nosso tratamento em relação às finanças do Partido, não as considerando como

uma questão simplesmente tarefaira, mas sim de disciplina partidária.

Conclamamos todos os filiados e simpatizantes para que contribuam com seu Núcleo ou Diretório e também com as campanhas extras desenvolvidas pela Tesouraria Nacional. Atualmente estamos solicitando uma contribuição extra a filiados e simpatizantes, especificamente para as eleições municipais.

Você deve entender que sua contribuição, por menor que seja, é importante para o Partido.

Contribua — O PT somos nós.
CONTA ELEIÇÕES
 Banco do Brasil — Agência Caminho do Meio
 Conta n.º 104.013 — 8 PORTO ALEGRE/RS
CONTA NACIONAL
 Banco do Brasil — Agência Caminho do Meio
 Conta n.º 103.457 — x PORTO ALEGRE/RS



... “na certeza de que devemos respeitar a nós mesmos”

Porto Alegre, 21/9/85
Ao Editor

Gostei muito da matéria “A Crise de Minas”, publicada no último BOLETIM NACIONAL. Tanto que logo me veio uma grande vontade de me manifestar sobre este assunto.

Até o momento minha participação no PT tem sido através de contribuições financeiras e agora na campanha eleitoral aqui em Porto Alegre. Também quero deixar claro que não estou vinculado a nenhuma tendência.

A partir das experiências que estou tendo dentro do Partido duas impressões têm se confirmado. Me refiro ao autoritarismo e à luta pelo poder interno.

Pessoalmente, acho que posso defender minhas posições de maneira democrática. Também, não vejo necessidade de dominar as pessoas ou as estruturas do Partido, quero apenas ocupar meu espaço de participação.

A minha ação dentro do PT se baseia na certeza de que devemos respeitar a nós mesmos e a cada companheiro.

Gostaria muito que mais petistas se manifestassem sobre este assunto.

Um abraço petista.

Hamilton B. Figueredo



... “que minhas palavras sirvam de estímulo”

Propriá (SE), 2/10/85
Prezados companheiros!

Estou escrevendo na esperança de que minhas palavras sirvam de estímulo a companheiros que se acham nesta hora desanimados e descrentes do futuro do PT. No BN n.º 12, encontrei apelos de companheiros que nos dignificam por pertencermos à classe trabalhadora, que escolheu construir seu próprio partido, com o objetivo de construir uma sociedade igualitária, sem opressores nem oprimidos. Gostei muito das colocações de Zanata, da volta de Teodomiro, da força de Erundina, na tomada de posição em favor dos favelados. A alfabetização em Diadema e a crise de Minas! Que os companheiros encontrem uma maneira bem mineira de superá-la e prosseguir construindo o PT. Repúdio a violência no campo, caso como o de Paracatu e tantos outros por este Brasil afora! (...) A propósito, um incentivo ao companheiro Manoel Dionísio, de Arapiraca: “Olha, companheiro, não pense que é só você que sente desânimo não! Nós também já sentimos isto. Nós vivemos aqui no baixo São Francisco e nosso Diretório foi encarregado de fundar diretórios em cidades vizinhas. Pois bem, das três cidades visitadas, só em duas foi possível construir diretório. Para fundar estes diretórios, nós saímos de casa todos os domingos comendo sanduíche (quando tinha), para levar aos companheiros a nossa mensagem. Como vê, Dionísio, todos nós, de uma forma ou de outra temos que construir este Partido, que é tão necessá-

rio pra nós como a comida ou o trabalho. (...)

Nós aqui em Propriá estamos nos movimentando para angariar fundos para Marcelo Deda, preparando uma PTXADA e, com o dinheiro arrecadado, fretar um ônibus e irmos distribuir chapas para ajudar na eleição do companheiro Marcelo. Para arrecadar fundos, vendemos até fitas com discursos do Lula, é nossa criatividade a serviço do nosso Partido.

Aproveitamos também para reiterar nosso apoio ao povo nicaraguense, que vive à espreita de uma invasão yanque, vamos cerrar fileiras antiimperialistas para salvar a América oprimida e trabalhadora.

Saudações.

Carlos Germano dos Santos



“Aqui em Buriti, trabalhador não tem valor”

Buriti Bravo (MA), 1.º/10/85

Aqui em Buriti Bravo, até os trabalhadores estão sendo “focados” pelos proprietários e até os presidentes dos sindicatos são falsos, procuram desviar os caboclos do seu partido, porque é partido de trabalhadores pobres e eles não dão valor aos pobres que trabalham. (...) Trabalhador não tem valor aqui em Buriti Bravo.

Vejam bem, o trabalhador é que paga todos os impostos e não tem direito nem à terra para trabalhar. (...)

Sou caboclo do interior, mas venho fazendo declarações no nosso PT pelo interior porque os pobres estão todos amedrontados. (...)

Estou botando força. Nada mais.

Waldívino Pereira da Silva



Lula, obrigada, você veio!

São Mateus (ES), 23/10/85
Companheiro Lula,

Sou secretária da Executiva Municipal do PT em São Mateus (ES). Na ocasião em que você veio dar apoio ao candidato do PT à Prefeitura de Vitória (ES), tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente (...)

O Brasil está precisando de muitos Lulas para denunciar as injúrias e fazer deste país uma verdadeira democracia. Aqui estamos tentando criar núcleos do PT em todos os bairros da cidade.

Um abraço. A luta continua.

Teodora Alves da Silva

CUPOM DE ASSINATURA

Na sua nova fase, com edições mensais regulares, o BOLETIM NACIONAL só será enviado a assinantes em dia. Faça já sua assinatura, enviando um cheque juntamente com este cupom ao PARTIDO DOS TRABALHADORES — BOLETIM NACIONAL. O endereço é AV. 11 DE JUNHO, 260 — CEP 04041 — SÃO PAULO.

QUERO SER ASSINANTE DO BOLETIM NACIONAL

Nome _____

Rua _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

anual — Cr\$ 12.000
bianaual — 20.000

Para facilitar nosso trabalho, anexe ao cupom a etiqueta de envio do Boletim.



“Evidentemente nos identificamos com a causa”

Guaxupé, 9/10/85

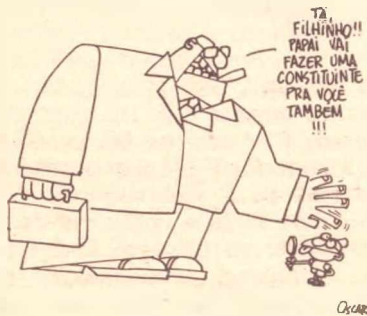
Eu juntamente com uma moçada militante aqui de Guaxupé ainda acreditamos que se pode fazer algo em relação ao panorama nacional. Gostaríamos de ver na íntegra proposta do PT à Constituinte. Evidentemente nos identificamos com a causa socialista, no entanto não nos filiamos ao PT daqui devido ao racha do Sul de Minas — ninguém quer ou acha que a coisa é fácil, certo?

Se for possível, seria bom que vocês enviassem esse material sobre a Constituinte para nossa apreciação e conseqüente empenho militante.
PT Saudações.

Roberto Luciano Vieira

Resposta do BN:

Estamos enviando ao companheiro exemplares do BOLETIM NACIONAL nº 11, onde foi publicada na íntegra a proposta do PT de emenda à Constituição, matéria da pág. 5 — “A Constituinte que queremos”.



Notícias de Minas

Belo Horizonte, 4.10.85

Companheiros, gostaríamos que o BOLETIM NACIONAL desse três notícias de Minas:

1. Adesão de nove Vereadores ao PT: Emanuel Neli Duarte (Carbonita), Lea Pereira Gonçalves (Heliadora), Rui Tavares (Divinópolis), Jair Levindo Ferrari e Jair Silva (Raul Soares), David Carielo, Belchior Torres, Jairo Reis e José do Carmo Silva (Carmo do Rio Claro). Há outros companheiros vereadores em via de se filiarem em todas as regiões do Estado. Pedimos a cada diretório que nos comunique a adesão de outros vereadores.

2. Formação do Comitê Pró-participação Popular na Constituinte, com 600 pessoas, no dia 3.10.85, na Faculdade de Direito da UFMG. Contou com a presença de dom Mauro Morelli (bispo de Duque de Caxias). O PT teve papel-chave nesta articulação.

3. Formação do Comitê Tortura Nunca Mais, a partir de um ato público no dia 27 de setembro, com José Genoíno, rev. James Wright e Flora Abreu, onde o livro **Brasil: Nunca Mais** foi lançado (200 exemplares



vendidos no lançamento). O PT está participando ativamente.

Nilmário Miranda



“Vícios traiçoeiros de comunicação”

São Paulo, 18/9/85

Prezados companheiros:

(...) Gostaria de oferecer como contribuição a minha opinião a respeito do último programa levado ao ar em rede estadual pelo PT de São Paulo. (...) Independente do esforço que deve ser feito para conquistar a credibilidade e o voto da classe média e de outros setores tradicionalmente conservadores, acho que o PT não pode se descaracterizar nem um pouco de seu perfil mais autêntico, identificado com a classe oprimida da base da pirâmide social. Foi ótimo ter aberto as portas da casa do sr. Suplicy para São Paulo. Mostrar que sede de justiça não é privilégio dos pobres. O trânsito de idéias é livre na casa do nosso candidato, tanto na convivência entre a família como no bate-papo com as visitas. E ali estava artistas, intelectuais, jornalistas, mas faltou um “peão”. “Peão” mesmo! Esse que falou PT pela primeira vez. Esse que sumiu da massa no DOI-CODI, perdeu o emprego, enfrentou a repressão, conquistou anônimo o progresso político que hoje é chamado de redemocratização, principalmente pelos impositores que saíram de baixo da mesa e derrubaram da cadeira aqueles que sempre os acobertaram.

(...) Outra coisa, o apelo “EXPERIMENTE PT”, apesar de ser convidativo sob o ponto de vista de comunicação, não creio que se adapte à realidade de que o Partido se propõe (...) Típico apelo consumista.

(...) Acho que o importante é acentuar o Partido a importância do trabalho de base consciente, humilde, cultivando em cada um dos petistas o desejo de APRENDER com as bases. Isso viria no sentido de aproximar nossos companheiros que porventura tenham se desviado do verdadeiro propósito de um partido de luta como o PT.

(...) Finalmente, gostaria de sugerir que o PT formasse uma Comissão de Comunicação de Massa, para avaliar como o pensamento do Partido está sendo levado às massas, considerando o envolvimento político pouco aprofundado da população e a massificação comercial, que gera vícios traiçoeiros de comunicação.

Avante. A luta continua!

César Corrêa

Ala dos entra e sai

Brasília, 25/9/85

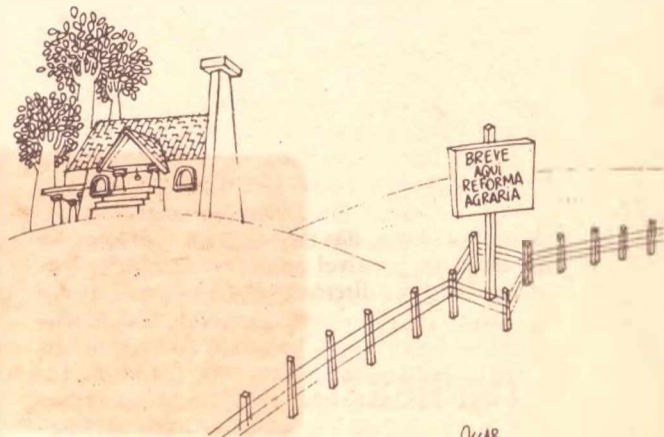
(...) O fato de a **Folha de S. Paulo** ter publicado uma informação errada sobre nossa saída levou o BOLETIM a acusar os jornalistas que deixaram o PT de terem “traquejo na ‘arte’ de manipular a opinião pública”. Uma maneira simplista, pouco séria e nada política de tratar do assunto. Fazer acusações infundadas e levianas, sob a proteção do anonimato, é que é manipular a opinião pública.

Logo depois a nota demonstra o preconceito de seus responsáveis em relação às mulheres, contando que entre os que saíram do PT estavam “a própria esposa de Rollemberg, um outro jornalista, com a irmã, a mulher, a ex-mulher, a secretária e de quebra uma cunhada”. Para o BOLETIM NACIONAL, mulheres não podem ter vida política e partidária própria, são atreladas aos homens...

Fora a “cunhada”, que não existe, todas as mulheres citadas são ativas militantes políticas. Uma é presidente do Sindicato dos Médicos, outra é ex-presidente da Associação dos Sociólogos, todas, menos uma, já foram do Diretório Regional e duas foram da Comissão Executiva. Todas três têm representatividade política e social no DF. (...)

Hélio Doyle

Resposta do BOLETIM NACIONAL: Ainda achamos que a **Folha de S. Paulo** não poderia ter inventado sozinha a notícia falsa que tanto prejudicou o PT às vésperas da campanha municipal. Admitimos que o nosso comentário podia ter uma interpretação machista, mas a intenção foi apenas a de mostrar que o número aparentemente grande de dissidentes era formado por um número pequeno de grupos ligados por outros laços além dos políticos-ideológicos. O Diretório Regional do PT de Brasília conta hoje com quatro companheiras.



Oscar.



Violência sobre a mulher: uma questão política

É cada vez mais alarmante o número de mulheres assassinadas por homens nos dias de hoje. A construção de tal "fenômeno" não se esgota sob o ângulo do direito privado. Ao contrário, a reflexão do trágico final de vida de tantas mulheres remete-nos à análise das relações de poder que permeiam a sociedade brasileira.

A violência última sobre a mulher - seu assassinato - está também associada ao predomínio do homem numa sociedade de classes. Predomínio este que tem como marco referencial o aparecimento da propriedade privada: em tempos mais longínquos, o homem não foi tão-somente o senhor dos escravos e da terra, mas também e igualmente proprietário da mulher. Essa prática social permanece quase intocada em nossos dias. Na verdade ela é, lamentavelmente, dominante nas sociedades contemporâneas. Assim sendo, pensa o homem poder dispor da mulher *como, onde e quando* melhor lhe apeteçam suas frustrações existenciais. Pensa e muitas vezes efetivamente o faz, até chegar ao assassinato.

Contudo, a violência que atingiu grande parte da sociedade brasileira no período pós-64 permite-nos afirmar que mulheres, especialmente (mas não unicamente) das classes populares, encontram-se entre as maiores vítimas do Estado autoritário que emergiu desde então. Essa violên-

cia sobre as mulheres tem inúmeras faces: sobre as prostitutas de rua, as empregadas domésticas e as mulheres torturadas pela repressão política que afirmam terem sido suas partes genitais as mais visadas nas sessões de tortura.

Esta última colocação (violência sexual) nos remete a outro aspecto da questão: a violência que se abateu - e infelizmente ainda se abate - sobre a mulher e lhe ceifa a vida não pode ser enfocada apenas com assertiva de que isto se deve à sua nova inserção no processo produtivo; ou seja, não se restringe à esfera do *privado*, do *econômico*. Com efeito, *a violência física e fatal sobre a mulher é uma questão política e como tal deve ser enfrentada*. Porém, não se esgota aí a complexidade da questão.

Cabe-nos questionar a cerca das causas de tanto ódio, de tamanho desamor. Vale a pena recordar a conhecida afirmação de Simone de Beauvoir de que "não se nasce mulher, torna-se mulher". Dito de outra forma, a mulher não é o "eterno feminino" com que sonha a maioria esmagadora dos homens (e das mulheres), mas ao invés, uma totalização dialética que se desdobra ao longo de sua existência no contexto da sociedade de seu tempo. Simone afirma-nos, com simplicidade, que a mulher é o conjunto contraditório dos atos

de sua vida. Ela é - ou terá que ser - a realização do seu próprio projeto de vida inserido nas condições reais e contraditórias da sociedade de sua época.

Mas, onde estão fincadas, afinal, as raízes de todo esse ódio? Ele se inicia com o próprio nascimento para a vida em sociedade. O ódio que muitos homens alimentam com relação à mulher tem, pois, diversas explicações. A um primeiro nível tem a ver com o novo papel sócio-político-econômico assumido por um número cada vez maior de mulheres que fogem à tutela masculina. Há, contudo, um outro nível interpretativo e este se dá - recuperando as palavras de Simone - ao longo do processo de socialização (em grande parte inconsciente) que "confere à mulher seu justo papel na sociedade" - reprodução, trabalho doméstico e atendimento às exigências sexuais do homem. Este "justo papel", em verdade, não é apenas aceito pela esmagadora maioria das mulheres mas, também, e principalmente reforçado grandemente por nós, mulheres, ao longo de nossa vida, nas nossas relações com outras mulheres, com os homens e no processo de socialização com nossos filhos. A complexidade do tema não se esgota aí; em verdade, ela enfoca um outro ângulo da questão e traz implícita uma nova indagação: até quando nós, mulheres, cumplicaremos a

violência sobre nós mesmas?

Cabe-nos, a nós mulheres que buscamos assumir verdadeiramente *nossa identidade feminina*, lutar pela transformação não somente da economia mas também e igualmente da sociedade, responsáveis pela produção da "velha mulher". E, afinal de contas, fazer com que essa luta de desdobre, principalmente *em nosso interior*. Caso contrário, estaremos utilizando-nos de mais um discurso falso, ao invés de fazermos a proposição da luta verdadeiramente revolucionária, isto é a luta por nossa *autonomia*. Luta que não se encerra exclusivamente quando tantas mulheres hoje assassinadas por homens deixem de ter como derradeira alcova o peito aberto no pó da natureza. Com efeito, a autonomia que pleiteamos e que buscamos construir significa, antes de tudo, reconhecer o direito inalienável que nos cabe, enquanto ser humano e mulher, de estabelecer as regras, as normas e as leis para pensarmos e agirmos em consonância com nosso próprio projeto de vida. Só a partir de então viveremos a plena conquista da felicidade, só possível, quando nós, mulheres, vivenciarmos nossas próprias emoções com nossos próprios sentimentos.

Nanci Garcia

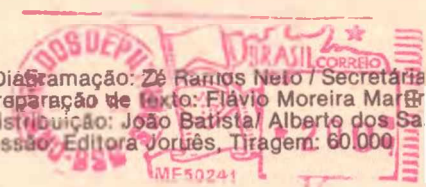
1ª vice-presidente da Seção Regional da FWP do Rio de Janeiro.



BOLETIM NACIONAL

Órgão informativo da Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores.
Avenida 11 de Junho, 260 CEP 04041 São Paulo SP

Edição: Bernardo Kucinski / Diagramação: Zé Ramos Neto / Secretária: Marisa Lourenço e Marcia Milanese / Preparação de texto: Flávio Moreira Maris / Produção: Mauro di Deus / Distribuição: João Batista, Alberto dos Santos / Composição, fotolito e impressão: Editora Jorjês, Tiragem: 60.000



101

PAULO R. DO VALLE FRANCISCO
SON 206 - BL K - AP 502
70844 BRASILIA DF

IMPRESSO